



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

DOSSIÊ | Narrativas (Auto)Biográficas em Processos Formativos

Uma narrativa-cartografia (auto)biográfica de viver a educação-pesquisa em meio ao caos amazonense

A (auto)biographical narrative-cartography of experiencing education-research amidst the Amazonian chãos

Una narrativa-cartografía (auto)biográfica de vivir la educación-investigación en medio del caos amazónico

Guilherme Araújo Soares
Maria Ione Feitosa Dolzane

RESUMO

Este artigo, inspirado na escrita de Georges Perec e sustentado pela filosofia da diferença de Deleuze e Guattari, apresenta uma narrativa-cartografia (auto)biográfica construída no contexto da docência-pesquisa de mestrado na Amazônia. O objetivo é investigar como processos formativos e inventivos emergem da prática docente quando esta se configura como escreitura, tradução e transcrição. A metodologia adota a narrativa-cartografia (auto)biográfica como procedimento imanente, acompanhando movimentos, sensações, encontros e afetos que atravessam a experiência de Avelina, heterônimo que condensa vivências-devires da autora. A pesquisa reúne registros em diários, fragmentos narrativos, interações pedagógicas e referências filosóficas, compondo um campo de experimentação ético-estético-político. Os resultados indicam que a narrativa-cartografia (auto)biográfica potencializa a invenção de si e do mundo, resignificando o currículo e a prática docente no/pelo/com [o] contexto amazônico. Conclui-se que a articulação entre docência e pesquisa, orientada pela filosofia da diferença, constitui um ato criador capaz de instaurar mundos possíveis e resistir às forças normativas.

Palavras-chave: narrativa-cartografia; (auto)biografia; escreitura; Avelina.

ABSTRACT

This article, inspired by the writings of Georges Perec and grounded in Deleuze and Guattari's philosophy of difference, presents an (auto)biographical narrative-cartography constructed within the context of master's-level teaching and research in the Amazon. The aim is to investigate how formative and inventive processes emerge from

teaching practice when it takes the form of scribing, translation, and transcreation. The methodology adopts (auto)biographical narrative-cartography as an immanent procedure, tracking the movements, sensations, encounters, and affections that permeate the experience of Avelina, a heteronym that encapsulates the author's lived experiences and becoming. The research brings together diary entries, narrative fragments, pedagogical interactions, and philosophical references, forming a field of ethical, aesthetic, and political experimentation. The results indicate that (auto)biographical narrative-cartography enhances the invention of the self and the world, reframing the curriculum and teaching practice in/through/with the Amazonian context. It is concluded that the articulation between teaching and research, guided by the philosophy of difference, constitutes a creative act capable of establishing possible worlds and resisting normative forces.

Keywords: narrative cartography; (auto)biography; writing; Avelina.

RESUMEN

Este artículo, inspirado en la obra de Georges Perec y sustentado en la filosofía de la diferencia de Deleuze y Guattari, presenta una narrativa-cartografía (auto)biográfica construida en el contexto de la docencia-investigación de un máster en la Amazonía. El objetivo es investigar cómo los procesos formativos e inventivos surgen de la práctica docente cuando esta se configura como escritura, traducción y transcreación. La metodología adopta la narrativa-cartografía (auto)biográfica como procedimiento inmanente, siguiendo los movimientos, las sensaciones, los encuentros y los afectos que atraviesan la experiencia de Avelina, heterónimo que condensa las vivencias-devires de la autora. La investigación reúne registros de diarios, fragmentos narrativos, interacciones pedagógicas y referencias filosóficas, componiendo un campo de experimentación ético-estético-político. Los resultados indican que la narrativa-cartografía (auto)biográfica potencia la invención de uno mismo y del mundo, re-significando el plan de estudios y la práctica docente en/por/con [el] contexto amazónico. Se concluye que la articulación entre la docencia y la investigación, orientada por la filosofía de la diferencia, constituye un acto creador capaz de instaurar mundos posibles y resistir a las fuerzas normativas.

Palabras clave: narrativa-cartografía; (auto)biografía; escritura; Avelina.

Disparando pistas

Bem se vê que vagar é um verbo destituído de complemento, de objeto. O mesmo vale para pesquisar, que assume sua altura, sua exigência própria, quando quem pesquisa trabalha em rede, um pouco à maneira dos cupins, e quando o “quê” – que seria objeto do pesquisar – não é necessário em absoluto, sendo o “projeto pensado” do pesquisador: pesquisar (Deligny, 2018, p. 38).

Os encontros de *escreleituras* com filósofos, educadores e artistas, em artigos, livros, apresentações, comentários e outras manifestações, configuram-se como movimentos-fluxos que adquirem sentido em relação ao original, para logo colocá-lo em variação. Trata-se de uma *escreleitura* que concentra sua

potência no desejo contínuo de reinvenção, lançando-se à criação por meio de variações intensivas e contínuas. Nessa *escreitura*, manifesta-se o agenciamento entre formas de expressão e conteúdo, cujas interferências mútuas provocam deslocamentos e combinações contínuas, conforme destacado por Olegário e Corazza (2018).

É por meio desses deslocamentos que reinventamos modos de pensar e problematizamos sentidos, compondo uma *escreitura* afirmadora e caótica da vida que atravessa, simultaneamente, a pesquisa e a docência. Trata-se de um movimento de *escreitura* que, “[...] diante do caos, o que importa ao filósofo não é nem vencer o caos, nem fugir dele. Mas conviver com ele e dele extrair possibilidades criativas e velocidades infinitas” (Corazza, 2006, p. 69). Assim, a narrativa-cartografia (auto)biográfica emerge como atitude de *escreitura* que valoriza os signos da vida, convocando o/a leitor/a a devires e detalhes que compõem o processo indissociável entre docência e pesquisa. Nesse contexto, o acontecimento torna-se experimentação de fluxos intensivos, sobretudo no entrelaçamento entre *escreitura*, (auto)biografia e docência-pesquisa.

Ao nos aproximarmos da cartografia como plano de composição, acessamos processos que indagam e transmutam as *escreituras*, instaurando a experimentação como condição própria da aprendizagem. A cartografia se define como procedimento imanente, uma lógica do entre, do meio, dos atravessamentos e das conexões (Deleuze; Guattari, 1995). É um trabalho que se realiza nas zonas de passagem, nas linhas de desejo, nas velocidades e nas lentidões. Como apontam Brito e Chaves (2017), sua complexidade reside justamente no fato de não oferecer uma forma preestabelecida a ser seguida. A investigação cartográfica implica mergulhar em zonas de singularização, resistindo à lógica da homogeneização e da previsibilidade (Deligny, 2018; Corazza, 2020).

A cartografia, ao operar em um campo de virtualidades abertas, confirma modos de existência que se constituem por intensidades móveis. No contexto amazônico, essa potência se expressa nas forças do rio, em sua fuga, em seus movimentos errantes que compõem encontros e afetos. Esses encontros nos exigem deslocamentos éticos/estéticos/políticos, que se materializam na

narrativa-cartografia (auto)biográfica de Avelina¹, como criação de novas formas de *escriber*, pensar, sentir e agir.

Esse deslocamento, entendido como rompimento com a lógica representacional, instaura um plano de imanência em que o conhecer se dá no próprio ato de experimentar, com os signos que violentam o pensamento e com as linhas entrelaçadas na coletividade do devir. Inspirado na escrita de Perek² (1986; 2015), este texto investiga o hábito e suas microviolências, o cotidiano e sua força anárquica silenciosa. Deseja-se ver o que geralmente é invisível, captar o insignificante, interrogar o familiar. Nesse processo, como nos diz Deleuze (1988), o pensamento é violentado, posto em variação, atravessado por signos que o obrigam a pensar.

Correia (2015, p. 4) afirma que “[...] pensar é deixar-se violentar pelo signo que rouba a nossa paz (...)”. Nesse contexto, a *escreitura* torna-se força de devir, uma força que convoca/ativa a criação. Daí emerge uma docência-pesquisa tradutória como gesto transcriador, por operar por meio de uma *escreitura* movida por uma tradução imanente. Traduzir é extrair das matérias caóticas suas forças criadoras e lançá-las em circulação, compondo uma narrativa-cartografia (auto)biográfica capaz de engendrar mundos possíveis no contexto amazônico.

Uma criação da narrativa-cartografia (auto)biográfica

Avelina tinha uma reunião marcada com a orientadora. Chegou 20 minutos antes, tomada pela ansiedade que a atravessava como um fluxo incontrolável. O pensamento insistia em antecipar o que viria. A orientadora iniciou: “Precisamos desfigurar a pesquisa”. Silêncio. Avelina ficou suspensa nessa frase, como quem fora convocada a (des)aprender. A orientadora falou de uma pesquisa cartográfica, de um traçar que não delimita territórios, mas que se

¹ Avelina emerge como criação poética da docência-pesquisa, um heterônimo que percorre esta *escreitura*, na qual se escreve na terceira pessoa do singular, atravessando choques e violentações com encontros e intercessores. Esse heterônimo inspira-se nas literaturas de Georges Perek, incorporando suas vozes e formas para expandir a escrita e o pensamento.

² “Perek modifica seu próprio texto, altera passado e futuro e aumenta a rede de implicações intertextuais possibilitada por sua obra. A letra, a escritura, a universalidade, as possibilidades de leitura e a posição do leitor são, assim, problemas centrais trabalhados” (Fux, 2016, p. 246).

deixa afetar pelos movimentos do plano de imanência. Avelina seguiu atenta enquanto ouvia as indicações de alguns livros de Deleuze [e Guattari].

De volta para casa, abriu o aplicativo para encomendar os livros. A espera prometida era de duas semanas, mas, quatro dias depois, os livros chegaram, como um acontecimento que a surpreendeu pela velocidade. Ali estavam eles, os mapas possíveis que ainda não haviam sido traçados. O próximo gesto aconteceu sem querer. Ao se sentar com o *notebook*, os livros, papéis e o silêncio ao redor, abriu-se um espaço para *escriber*.

Manaus, 16 de junho de 2023

A pesquisa se abre como quem se lança ao desconhecido. Hoje, estive em reunião com minha nova orientadora e, em suas palavras, ecoaram inquietações herdadas do antigo orientador, aquele que falava com a voz dos moldes, dos gestos padronizantes. Nesse gesto, senti ainda mais a urgência de escutar o que resiste, como ela me diz. Há beleza quando a escrita treme, quando o pensamento tropeça e inventa novos passos. É novo para mim este modo de escrever que se permite poético, este modo de pesquisar que se faz em ato. Como sussurra, com ternura e tremor, esse Deleuze que me acompanhará coletivamente. A pesquisa é o próprio processo de se deixar atravessar, de problematizar o currículo, de abrir clareiras no espesso da floresta amazônica. Vou iniciar minha primeira travessia pelos Mil Platôs, volume 1. Sinto que não é uma leitura, mas um rito de passagem. Entre fluxos, permito-me afetar.

Com carinho e afeto de criação,
Avelina ☺♥

Foi nesse território que as *escreleituras* e os signos começaram a emergir, não como respostas, mas como perguntas que insistiam. Avelina abriu o primeiro livro e, em meio às páginas, os conceitos saltaram: linhas, planos, devires, cartografia, rizoma, agenciamento, experimentação, decalque, multiplicidade, heterogeneidade. Não havia mais um centro fixo, mas um rizoma em expansão. As palavras tornaram-se forças que a atravessavam, cada uma como um corte ou uma dobra que reconfigurava o pensamento.

A arte é a linguagem das sensações, que faz entrar nas palavras, nas cores, nos sons ou nas pedras. (...) O escritor se serve de palavras, mas criando uma sintaxe que as introduz na sensação, e que faz gaguejar a língua corrente, ou tremer, ou gritar, ou mesmo cantar (...). O escritor torce a linguagem, fá-la vibrar, abraça-a, fende-a, para arrancar o percepto das percepções, o afecto das afecções, a sensação da opinião —

visando, esperamos, esse povo que ainda não existe (Deleuze; Guattari, 2010, p. 228).

Ler não é acumular, mas criar. A leitura devém escrita. A escrita devém pensamento. O pensamento, um corpo em movimento. Tudo isso é cartografia. Não havia chegada, apenas encontros e novos rastros. As marcações, então, eram faíscas que inflamavam o desejo de continuar, de experimentar outras maneiras de pensar e de fazer pesquisa. Assim, ela não se sentava para decifrar, mas para se perder. Afinal, como diz Deleuze (1988), pensar era sempre criar, e criar era abrir-se à diferença, ao novo.

As palavras de Deleuze (1988) ressoavam nela, pois convocavam a necessidade de desfigurar a pesquisa de qualquer tentativa de totalização ou fixação em modelos prévios. Ao folhear o volume 1 de Mil Platôs, de Deleuze e Guattari (1995), emergia o disparador de uma abertura ao imprevisível, um convite a um campo problemático em constante variação. Era nesse movimento que ela deslocava o próprio processo pelo qual o corpo de Avelina era afetado no plano de imanência da pesquisa.

Imagem 1 – Corpo~intensivo



Fonte: Arquivo pessoal.

Esse plano convocava um corpo-Avelina que mobilizasse qualidades como atenção, presença, disponibilidade e sensibilidade, exigindo um dobrar-se sobre si mesma (Foucault, 1992). Esse gesto de dobra era uma abertura a novos devires, um ato de invenção que implicava a criação de dispositivos capazes de operar no cuidado de si e dos outros. A dobra tornava-se uma linha que conectava; um vetor que atravessava e compunha (Pelbart, 2013).

Dessa forma, dobrar-se era criar linhas de fuga, contornar estratificações e permitir que o próprio ato de pesquisar se constituísse como experiência vital. Envolveria o cultivo de um cuidado ético-estético, em que a atenção e a sensibilidade orientavam a produção de saberes. Era a invenção de um corpo-Avelina que se experimentava no plano que compunha a pesquisa como cartografia.

Por isso, Avelina compreendia a cartografia, conforme Kastrup (2007), como um método que se afastava de qualquer pretensão de estabelecer regras abstratas ou de trilhar caminhos lineares. Tratava-se de um método *ad hoc*, construído no próprio ato, cujo objetivo era acompanhar os processos em sua imanência. A atenção recaía sobre a detecção de signos e forças que circulavam nos limiares, naquilo que escapava à captura e insistia em vibrar como potência de criação, afastando-se de atos voltados à representação de objetos fixos.

Nesse sentido, Avelina reforçava a necessidade de expandir sua sensibilidade além do representável, abrindo-se para encontros que lhe permitissem mapear fluxos que conectassem o campo de pesquisa ao vasto território dos poderes e saberes. Essa abertura era especialmente relevante no contexto amazônico, onde o território e os fluxos que atravessavam Avelina resistiam às totalizações e remetiam a múltiplas linhas de fuga.

Alinhada ao pensamento de Deleuze e Guattari (1995), ela compreendia que a multiplicidade era o princípio ativo desses processos, nos quais fragmentos e fluxos se articulavam sem se submeter a um horizonte de totalização ou a uma lógica centrada. Como “[...] criador[a] de fluxos de experiências notáveis, de sensibilidades e ações sobre as disposições sensório-motoras e capacidades intelectuais” (Oliveira; Paraíso, 2012, p. 165), Avelina tornava-se uma experimentadora, capaz de transitar entre forças e intensidades, criando mapas que produziam mundos.

A cartografia, assim, era movimento, devir. Ela convidava a situar-se na imanência, no rizoma que conectava heterogêneos, operando nos interstícios onde o novo podia emergir. Esse método não apenas lia os fluxos, “[...] ele quer é participar, embarcar na constituição de territórios existenciais, constituição de realidade” (Rolnik, 2016, p. 22). No contexto amazônico, esse pensamento ganhava potência, pois permitia potencializar os devires e as singularidades que resistiam às forças normativas de captura e controle.

Rememorar essa experiência através da cartografia possibilita a atualização de processos. Permite me senti-la novamente, dando atenção a outros aspectos da vivência. Posso ainda ressignificá-la, pois retomá-la a partir do que sou hoje é novo e único (Paixão; Guedes, 2016, p. 200).

De modo a fazer emergir essas linhas, a cartografia configurava-se como experimentação. Era um movimento que vibrava e se atualizava no acontecimento. Experimentar era pensar em ato, um pensar que ultrapassava o conhecer, medir, descrever ou relatar. Tratava-se de produzir o novo, de habitar a diferença em sua potência germinativa. Assim, a cartografia constituía-se como implicava um processo tradutório que se desenrolava como devir, como uma criação coletiva e contínua. Como afirma Corazza (2016, p. 1320), “[...] não se reduz a transpor – de um lugar para outro, de uma fonte, de alguém a outro – um pensamento, um saber, um conteúdo, uma forma ou uma matéria como se fossem coisas”.

Nesse sentido, relacionar a narrativa-cartografia à (auto)biografia implicava compreendê-la “[...] como um processo em que os fluxos e refluxos das marés da memória deste cartógrafo demandam uma trama de fragmentos intercambiantes dos seus diferentes trajetos” (Silva, 2009, p. 27). A (auto)biografia, como experimentação cartográfica, não era a narrativa de uma identidade determinada, mas a produção de devires, de linhas que conectavam a vida ao *porvir*. Tratava-se de cartografar os encontros e as intensidades que atravessavam a existência de Avelina, de mapear os modos como ela se constituía e se dissolia, se desterritorializava e se recriava, sempre em relação com o outro e com o mundo.

Por isso, a narrativa-cartografia (auto)biográfica, enquanto “[...] escrita de si era compreendida como processo formativo porque possibilitava ao sujeito

autoconhecer-se, desalienar-se de si, por meio da autorreflexão, criando um campo para o estabelecimento de novas bases interpretativas (...)” (Chaves, 2018, p. 56). Aqui, o que importava era o movimento incessante de sua atualização, em que a própria vida se fazia cartografia.

Não há biografia a não ser da vida improdutiva. Desde que produzo, desde que escrevo, é o próprio Texto que me despoja (felizmente) da minha duração narrativa. O Texto nada pode contar; ele carrega meu corpo para outra parte, para longe da minha pessoa imaginária, em direção a uma espécie de língua sem memória que já é a do Povo, da massa insubjetiva (ou do sujeito generalizado), mesmo se dela ainda estou separado por meu modo de escrever (Barthes, 2010, p. 14).

A partir do que havia sido delineado, Avelina investiu em uma narrativa-cartografia (auto)biográfica que a atravessava no contexto amazônico. Essa cartografia se constituía como um processo de experimentação permanente, um movimento em constante devir, uma criação incessante que se refazia a cada encontro, a cada linha de fuga traçada. Foi nesse fluxo que ela se encontrou com o rio como força intensiva que a atravessava, como plano de consistência no qual a vida se compunha e se desfazia, criando conexões e modos de existência. Como escreve Manoel de Barros (2013, p. 75), o rio “[...] é um grande rio de poesia; atravessava-me, doce...”.

O rio, nessa perspectiva, constituía-se como acontecimento de uma pesquisa que fluía e se contaminava com Avelina. Tratava-se de um modo de sentir-pensar-escrever que se apresentava ali sob a forma de diário, entre fotografias, fragmentos e notas, operando um deslocamento em direção à defesa da narrativa-cartografia como método e matéria de pesquisa. Um gesto que inventava outros espaços de experiência, no tempo presente, por meio de uma escrita que se dispõe a acompanhar as dobras do vivido e do pensamento.

A aproximação com Roland Barthes (2004) reforça esse movimento, ao considerar no diário íntimo não somente uma dimensão subjetiva, mas também um valor histórico e ético-estético. Para o autor, o diário pode espalhar em poeira as marcas de uma época, diluindo fronteiras entre o que era considerado informação maior e os pormenores de costumes. Na narrativa-cartografia (auto)biográfica, essa poeira ganhava corpo como expressão sensível do tempo vivido, compondo uma escrita que era, simultaneamente, vestígio e invenção.

Avelina no território amazonense e sua (auto)biografia

*Sonhe até que seus sonhos se tornem realidade
(Dream On – Aerosmith³)*

Acordou desse sonho em que navegava por um rio de palavras, afogando-se no caos que se intensificava em suas correntezas (Imagem 2). Não controlava a canoa... Avelina deslizava conforme o rio tocava as margens, reverberando em sua voz. Sofria aquele acometimento? Ou talvez ele lhe permitisse enxergar o (des)conhecimento que atravessava o rio em seus mistérios. Ouviu uma respiração ofegante que a despertou.

Imagem 2 – Correnteza



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao levantar-se, deparou-se com o livro de Deleuze e Guattari ao seu lado. Foi em seus escritos que se desfaleceram os pensamentos dominantes da pesquisa. Ao recordar o sonho, tantas multiplicidades emergiram no contexto amazônico. O sonho lhe falava dos mistérios que poderia inventar com ele, o caos. O caos era, ao mesmo tempo, seu aliado e seu inimigo. “Inicialmente para mergulharmos nele, mas para posteriormente estender sobre esse rasgo um plano! Isso mesmo, para inserir no caos nossos próprios movimentos, nossas medidas, nossos critérios” (Trindade, 2017, [s. p.]). Foi assim que a pesquisa se intensificou, caotizando-se no processo de criação que agenciava:

[...] múltiplas linguagens - tais como pintura, música, literatura, ciência, cinema, poesia, imagens, figuras, emoções, gestos, corpos, séries de silêncio e de repouso, movimentos divergentes, etc., (...) que engendram vários movimentos da

³ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/aerosmith/900/>.

pesquisa que, embora heterogêneos, se afectam uns aos outros (Tadeu; Corazza; Zordan, 2004, p. 10).

Nesse campo da pesquisa narrativa-cartografia (auto)biográfica, no qual “[...] todo texto é autobiográfico e que não se trata de passar da não-autobiografia à autobiografia, senão que sempre se está, sempre se é, sempre se escreve na autobiografia” (Skliar, 2005, p. 12), o texto produzia um ‘entre’, no qual a criação acontecia no/pelo contexto amazônico. Essa criação era aberta, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível a modificações constantes (Deleuze; Guattari, 1995).

A experimentação, propriamente dita, aproximava-a das multiplicidades das coisas e da possibilidade de existir de outros modos. Como Avelina, era por meio dos encontros afetuosos e alegres e sorridentes e intensos e... que ela se enveredava por caminhos diferentes, abrindo-se a outras possibilidades. “No movimento intensificado da narrativa-cartografia (auto)biográfica, as sensações criavam linhas de fuga, “[...] que não param de fazer-se e desfazer-se, comunicando-se, passando umas nas outras no interior de um limiar, ou além ou aquém” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 104).

Por meio dessa experimentação, Avelina afirmava a vida e a diferença como possibilidades de existência e entendimento. Em diálogo com a filosofia da diferença de Deleuze e Guattari (2010), aproximava-se das suas inquietações. Consequentemente, refletia sobre a expansão da uniformidade e destacava a diferença como multiplicidade e caos (Gallo, 2008). Instaurava, assim, variações contínuas e novas potências de vida ao abrir-se às experimentações.

De um lado, certa visão mais dinâmica do pesquisar, tomando tal ato como expressão de um pensamento em movimento, ou uma criação/expressão de uma experimentação não condicionada pelo visível ou pelo vivido; de outro, uma visão estática, cheia de regras e prescrições sobre o que significa pesquisar. Naquela, o pensamento é tido como experimentação. A pesquisa é algo sem fim, uma vez que o resultado final é apenas mostra do percurso de um pensamento que insiste em buscar uma questão-problema ou, tal qual um poeta, busca criar o seu próprio universo artístico (Vinci, 2018, p. 278).

Avelina, na narrativa-cartografia (auto)biográfica, tratava da vida em sua plenitude quando olhava fotografias, escrevia textos e *e-mails*, lia livros e experimentava o corpo em movimento. Eram essas potencialidades que a afetavam e forçavam o pensamento, chocando o corpo em “[...] uma experiência que se faz no acaso do tempo e está intimamente ligada à criação de um novo modo de pensar e à potencialização de novos modos de vida” (Munhoz *et al.*, 2016, p. 17).

No encontro de Avelina com a cartografia, o aprender revelou-se movimento e devir contínuo nos processos de subjetivação. Tratava-se de um movimento que redefinia outros modos de olhar e se relacionar, deslocando-se de territórios fixos para problematizar e criar linhas de fuga, pequenas e potentes possibilidades de aproximação com o campo da (auto)biografia. Nessa perspectiva, a cartografia era uma ética e uma estética do pensamento em devir, em que a subjetividade se (des)fazia em uma dança com as forças que compunham o campo. No embalo desse movimento problematizador, ela recordava um gesto que também carregava a potência de um acontecimento: o envio de um e-mail para uma professora.

Manaus, 31 de outubro de 2023

Professora Ana,
Tenho problematizado muito sobre o processo do mestrado que venho traçando enquanto pesquisadora-aprendente, em constante movimento de (des)aprender e (re)criar. As *escreleituras* (escritas e leituras) que faço têm sido campos intensos de experimentação, onde me perco e me encontro entre dobras dos pensamentos pós-estruturalistas/pós-críticos. Tenho tecido uma conversação com os textos e ideias de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Sandra Corazza, Silvio Gallo e Marlucy Paraíso. Esses/as filósofos/as e filósofos/as-educadores/as, que parecem malditos/as no melhor dos sentidos, têm agido como forças que violentam minhas certezas e me deslocam do conforto das representações dominantes. Vivo um processo de ziguezaguear os pensamentos que insistem em me aprisionar no uno, permitindo-me habitar os devires, as potências que escapam às estruturas (Macro!). É como se cada *escreleitura* fosse um encontro que abre fissuras, gerando novos modos de sentir/pensar como docente-pesquisadora.

Com carinho,
Avelina ☺♥

Esse ato, aparentemente simples, inscreveu-se no plano das intensidades, em que a comunicação tornou-se um meio de conexão que mobilizou afetos e forças, abrindo novos devires no encontro com o outro. A escrita do *e-mail* foi uma tentativa de registrar o afetar e ser afetada pelo campo, traçando novas possibilidades de criação e experimentação em Avelina.

Nessa direção, ela ressoou como pesquisadora em sua capacidade de afetar e ser afetada por outros. Na perspectiva de Spinoza (2017), os encontros que constituíram essa cartografia foram relações de composição que aumentaram a potência de ser, agir e pensar. Esse aumento tornou-se ainda mais expressivo no contexto amazônico, onde Avelina vivenciou intensidades que a colocaram em um movimento contínuo de experimentação. Nesse fluxo, o “porto seguro” foi sempre provisório. A pesquisa cartográfica marcou-se pela imprevisibilidade e pela abertura a diferentes processos de invenção.

No entanto, o processo cartográfico de Avelina, que enfrentou as múltiplas precariedades da escola pública, revelou-se uma experiência ambígua. Como docente, ela estava familiarizada com essas precariedades. Como pesquisadora, sentiu-se angustiada ao confrontá-las diretamente. Essa tensão entre a familiaridade docente e a angústia da pesquisadora foi emblemática e não pôde ser ignorada, pois precisou ser problematizada na pesquisa, uma vez que afetou profundamente o próprio ato de investigar.

Ela refletiu, então, sobre como o corpo-Avelina poderia criar mundos no acontecimento, de onde o desejo e a potência pudessem derivar. Um exercício permanente de sensibilização e vitalização dos corpos que se relacionam. Aproximações e afastamentos ampliaram e redimensionaram repertórios pessoais, existenciais e profissionais, fazendo com que o corpo-Avelina expanda sua capacidade de afetação.

Nesse contexto, o encontro com o outro em sua alteridade foi atravessado pelos intercessores que violaram o pensamento. As perturbações provocadas por esses outros, como presenças vivas nela, exigiram uma permeabilidade e uma disponibilidade capazes de fazê-la suportar as turbulências produzidas. Esses encontros engendraram novos modos de expressão e invenção, exigindo que Avelina criasse e refizesse continuamente as linhas que a compunham (Deleuze, 2002). No contexto amazônico, onde o caos e a multiplicação de forças se intensificaram, esses processos tornaram-se ainda mais potentes.

Assim, o corpo-Avelina pôde ser compreendido como uma multiplicidade, atravessada por múltiplos acontecimentos em sua narrativa-cartografia (auto)biográfica. Essas relações intercessoras, produzidas no espaço-tempo da docência-pesquisa, permearam e transformaram os modos de relação e as afetações experimentadas nos encontros.

Portanto, foi no caos que ela encontrou o campo aberto para a pesquisa como criação. Foi no entrelaçar das linhas de fuga que a narrativa-cartografia (auto)biográfica se tornou viva, instaurando novas possibilidades. Para Avelina, a pesquisa cartográfica (auto)biográfica emergiu como um ato de resistência e de invenção, criando mundos onde o pensamento e a vida encontraram novos caminhos para se afirmarem no/pelo/com [o] contexto amazônico.

A docência de Avelina, potencializada pelos intercessores

*Caminhando contra o vento
Sem lenço, sem documento
No Sol de quase dezembro
Eu vou
(Alegria, Alegria – Caetano Veloso⁴)*

Desde que Avelina concluiu a graduação, permaneceu à espreita, tentando compreender, ainda que de modo incipiente a micropolítica, que ela registrava em suas anotações como aquilo que acontecia na sala de aula. Os anseios e os medos de que tudo pudesse dar errado eram constantes. Contudo, foi nos escritos dos/as intercessores/as (Deleuze, Deleuze-Guattari, Corazza, Gallo e Paraíso) que ela encontrou caminhos para escapar desse pensamento que a aprisionava, permitindo-se abrir às experimentações enquanto docente-pesquisadora.

Manaus, 05 de fevereiro de 2024

Em todo final de ciclo, começa outro. Uma dobra se faz em nós e, com ela, a necessidade de problematizar o vivido como quem percorre uma cartografia sensível. Este ano, em especial, pulsa em mim uma mudança intensa/vital na vida e na docência. Vibrações delicadas e potentes dos meus intercessores têm me desassossegado, me feito criar.

⁴ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/43867/>.

Tenho vivido instantes de pura potência. Uma pesquisa lateja em meu corpo como quem anuncia uma travessia. A qualificação que se aproxima apenas intensifica esse pulso. Tecemos uma rede de conversações, um emaranhado de encontros com outros corpos-estudos, outras vozes que, como os intercessores, nos permitem compor acontecimentos, afetos e deslocamentos. (Des)aprender e (re)criar são modos de existir. Sinto o desejo de me mover... desejo de seguir lendo, escrevendo, escutando, deixando-me contaminar pelas palavras e imagens que vibram no livro *Artistagens*, de Corazza. Ele é feito de poesia. Ele mesmo é acontecimento. Que o desejo permaneça em potência, que a pesquisa não cesse de se reinventar, que a docência continue sendo esse lugar de criação em meio ao caos. Sigamos ampliando este movimento de contágio, de invenção de mundos outros.

Com carinho e alegria,
Avelina ☺♥

Inspirada pelo pensamento desses intercessores, ela passou a questionar a configuração molar da docência, que operava pela repetição e pela reprodução de formas estanques. A sala de aula, quando compreendida como um espaço micropolítico, tornava-se um campo de forças, atravessado por fluxos. A tarefa de Avelina era a de criar condições para experimentações. Assim, o ato pedagógico se dava como um agenciamento rizomático, que produzia o múltiplo.

Avelina cartografava processos movidos pela invenção e pela criação. Sua ‘salvação’ residia na incerteza e no desconhecimento de como realizar o que desejava, como aponta Deleuze ao afirmar que “[...] não sabe como conseguir, não sabe como fazer o que quer” (Deleuze, 2007, p. 100). Nesse sentido, ela se lançava à experimentação, criando espaços para o improvável pudesse emergir. No contexto amazônico, marcado pela escassez de recursos nas escolas, essa falta era ressignificada como um campo de potência, em que Avelina operava com sua força artística e criadora.

Sua prática se configurava como “[...] um processo criador de verdades (imanentes), valores (não-representativos), sujeitos (pré-individuados) e poderes (provisórios), não se equaliza com uma adesão sem resistência ou com uma simples rejeição das normas” (Corazza, 2012, p. 26-27). Assim, sua docência era um movimento incessante de desterritorialização e reterritorialização, onde a relação com os estudantes não se restringia a descodificar sentidos. Em vez

disso, Avelina se abria à multiplicidade, permitindo que os informes e as diferenças circulassem livremente e gerassem novos agenciamentos.

Esse ato de composição e experimentação ecoava o poema *Escola é*, de Paulo Freire, que ressoava como uma cartografia poética da educação de Avelina enquanto devir, afirmando a escola como espaço de encontros e possibilidades:

.. o lugar que se faz amigos.

Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...
Escola é sobretudo, gente
Gente que trabalha, que estuda
Que alegra, se conhece, se estima.

O Diretor é gente,
O coordenador é gente,
O professor é gente,
O aluno é gente,
Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor
Na medida em que cada um se comporte
Como colega, amigo, irmão.
Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”
Nada de conviver com as pessoas e depois,
Descobrir que não tem amizade a ninguém.
Nada de ser como tijolo que forma a parede, Indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
É também criar laços de amizade, É criar ambiente de
camaradagem,
É conviver, é se “amarrar nela”!

Ora é lógico...
Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,

Fazer amigos, educar-se, ser feliz.
É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo
(Freire, 1989, [s. p.]).

Avelina experimentou a escola como um território de forças em constante movimento, onde o pensamento se fez ato criador e a experiência docente se afirmou como arte e resistência (Gallo, 2012). A escola foi um espaço em devir, atravessado por fluxos que desafiaram as formas estabelecidas e provocaram o novo. Estar presente ao acontecimento exigiu um posicionamento ético-estético-

político-pedagógico, um colocar-se à espreita, atento aos devires que escaparam à captura do reconhecimento e/ou da representação.

Colocar-se à espreita foi abrir-se ao encontro das singularidades que emergiram no cotidiano escolar, permitindo-se ser afetada por elas e, ao mesmo tempo, trabalhando para alcançar os limiares da própria percepção e afetação. Foi nesse movimento que o educar se afirmou como potência criadora na micropolítica (Gallo, 2008), como um traçar de linhas de fuga que conectaram Avelina e os estudantes em conversações intensivas, em um plano de imanência no qual a educação se faz transcriadora.

Essas disparações poéticas – movimentos de ruptura e reinvenção – intensificaram o ato educativo, tornando-o um acontecimento que abriu espaço para novas formas de pensar/sentir/agir/existir. Assim, a escola tornou-se um rizoma de relações, onde cada linha traçada carregou em si a força do múltiplo e do diferente (Deleuze; Guattari, 1995). Foi nesse entrecruzamento que o educar se desdobrou como transcrição, desafiando a homogeneidade imposta pela macropolítica e celebrando a diferença como força de vida, um campo de resistência e criação que reverberou no ato pedagógico como *artistagem em movimento* (Corazza, 2006).

Integrando-se na micropolítica, o olhar e as pequenas percepções atravessaram esse campo, operando como vetores de variação e desdobramento que conduziram Avelina às margens do rio, onde captaram cintilações do invisível. Essas micropercepções, no contexto amazônico, articularam-se ao imperceptível, compondo movimentos de devir. Foram micropercepções que se inscreveram nos limiares da percepção, zonas de indiscernibilidade onde o visível e o invisível se imbricaram (Deleuze; Guattari, 2010). O olhar, ao deter-se na pintura, como ilustrado na imagem 3, tornou-se expressão desse encontro sensível, uma superfície onde o devir se revelou por ritmos que ressoaram nos territórios da criação artística em diálogo com o rio.

Imagem 3 – Rio



Fonte: Arquivo pessoal.

Os movimentos de Avelina ativaram pistas imprescindíveis para práticas que dispusessem o corpo ao encontro dos afetos e ao plano das intensidades no encontro com os estudantes, especialmente no contexto amazônico. Contudo, foi fundamental adicionar um elemento ético a essas práticas: a prudência e o cuidado, para que a experimentação se desse no plano das intensidades, mas sem a pretensão de alcançá-lo plenamente ou nele se fixar.

Nessa perspectiva, as intensidades vividas operaram como zonas de indiscernibilidade, permitindo a observação de si, a aproximação com o outro e a criação de mundos no contexto amazônico. Para Avelina, foram os pequenos acontecimentos e os devires que se insinuaram no cotidiano que fizeram reverberar outras formas de funcionar, viver e apresentar-se diante do outro, instaurando novas realidades. Paraíso (2009, p. 290) lembra que:

A experiência não é apreendida para ser repetida, passivamente transmitida. Ela acontece para recriar, potencializar outras vivências, outras diferenças. Aprender com a experiência é, sobretudo, fazer daquilo que não somos, mas poderíamos ser, parte integrante de nosso mundo.

Com isso, o acontecimento vibrou com a citação de Paraíso (2009), ecoando como uma força que atravessava corpos e os punha em movimento. O corpo-Avelina, nesse sentido, revelou-se como um agenciamento

multidimensional, tecido por acontecimentos, experiências, *hereditariedades*, culturas e um ‘trabalho’ incessante sobre si mesma. Simultaneamente, esse corpo lançou-se na invenção de mundos, experimentando devires que escapavam das formas fixas de subjetivação impostas.

Nesse contexto, o corpo-Avelina inventou seus próprios dispositivos, desenhou suas práticas de si e experimentou modos de ser que compuseram processos de subjetivação singularizados. Ressoou, então, a pergunta de Gallo (2008, p. 62): “[...] como pensar e produzir, nesse início de século XXI, uma educação revolucionária?”. A ‘resposta’ emergiu como uma indagação incessante que se afirmava nas sensações microscópicas no contexto amazônico. Por isso, Avelina lançou uma passagem poética para contagiar:

Manaus, 20 de junho de 2024

O dia arde. Suo como se o corpo todo respirasse pela pele...
(Re)leio *O que é filosofia?*, de Deleuze e Guattari, e deixo-me
correr com eles, vibrando no caos da criação, onde a diferença
é princípio (po)ético, estético, político, pedagógico.
É entre essas potências que insisto em produzir bons encontros
na sala de aula, nesse coletivo que pulsa, que vive, que resiste.
Encontros com modos outros de existir, capazes de fazer
emergir forças de resistência e criar novas formas de viver, ali
onde menos se espera, no rastro do acontecimento.
Aposto nesse movimento... numa educação que se faz
revolução em artistagens.

Até os próximos encontros...
Com amor e desejo de mundo,
Avelina ☺♥

Por onde a escrita continua

A cartografia, enquanto prática de investigação e criação, configurou-se como um devir que escapou às formas hierarquizadas de produção de conhecimento. Inspirada na escrita de Perec (1986; 2015) e na filosofia de Foucault (1992) e Deleuze e Guattari (1995; 2010), ela se delineou como uma prática que acompanhou movimentos que atravessaram sujeitos, contextos e acontecimentos. Nesse sentido, a cartografia afirmou-se como um acontecimento ético-estético-político-pedagógico que se atualizou no espaço-tempo de Avelina, da pesquisa, da docência, da *escreitura* e da vida.

Quando situada como acontecimento (auto)biográfico, a cartografia potencializou um olhar que criou mundos. Avelina, ao inscrever-se nessa prática, tornou-se cartógrafa de si, traçando em mapas provisórios, narrativas e afetos que acolheram devires e singularidades. Tratou-se de um gesto de composição que operou por variação e contágio, onde “[...] confecciona-se uma narrativa em ladrilhos de espelhos que refletem e rebatem a imagem de acontecimentos de sua vida” (Silva, 2009, p. 70).

No processo de Avelina, a narrativa-cartografia desfez as dicotomias tradicionais entre sujeito e objeto, teoria e prática, pesquisador e pesquisado, docente e discente. Ela se abriu ao imprevisível, ao caosmos (caos+cosmos), que fez vibrar o pensamento e exigiu da cartógrafa uma escuta sensível às intensidades que atravessaram e (re)configuraram os corpos-territórios implicados na pesquisa. Foi nesse ponto que nos aproximamos do gesto de Georges Perec, cuja escrita operou uma ética do olhar atento, um compromisso ético-político de ver o que habitualmente não se vê, de nomear o insignificante como força. No contexto amazônico, essas linhas de fuga emergiram como práticas de invenção diante das forças normativas que tentaram capturar a potência criadora da educação.

Assim, a narrativa-cartografia (auto)biográfica reverberou na coletividade e tensionou o campo educacional, incidindo nas políticas e micropolíticas que modelaram a escola e o currículo. Tratou-se de um movimento rizomático que desterritorializou o instituído, abrindo margens para a reinvenção de modos de existir, aprender e ensinar no/pelo/com [o] contexto amazônico. A narrativa-cartografia exigiu uma escuta (auto)biográfica atenta aos signos que atravessavam Avelina, permitindo que os devires emergissem como forças transcriadoras que romperam com a reprodução do mesmo.

Sob essa perspectiva (auto)biográfica, a narrativa-cartografia tornou-se uma prática que se arriscou no campo das intensidades, atravessada por escreleituras e forças capazes de produzir tanto criação quanto captura. Foi preciso sensibilidade e ética para manter a experimentação como potência de criação, e não como repetição codificada. A narrativa-cartografia (auto)biográfica no/pelo/com [o] contexto amazônico celebrou a diferença como potência afirmativa, abrindo caminhos para a constituição de uma micropolítica que afirmou a vida em sua multiplicidade e singularidade.

Em síntese, a narrativa-cartografia (auto)biográfica de Avelina configurou-se como uma “[...] experiência dos sentidos, com os sentidos, sobre e com o mundo” (Santos, 2024, p. 9). Ela convidou a pensar a docência e a pesquisa como atos micropolíticos que resistem às forças de captura e sustentam a potência de uma docência-pesquisa indissociável. O acontecimento, nas *escreleituras* dessa narrativa-cartografia (auto)biográfica, rasgou o tecido da repetição e abriu espaço para a criação de mundos possíveis, afirmando a vida em sua diferença.

Referências

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa/Manoel de Barros**. São Paulo: LeYa, 2013.

BARTHES, Ronald. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BRITO, Maria dos Remédios de; CHAVES, Sílvia Nogueira. ... Cartografia...: uma política de escrita. **Revista Polis e Psique**, v. 7, n. 1, p. 167-180, 2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v7n1/n7a10.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2024.

CHAVES, Sílvia Nogueira. Da tomada de consciência à invenção de si: uma trajetória na pesquisa narrativa e autobiográfica. In: FEITOSA, R. A.; SILVA, S. A. da (Orgs.). **Metodologias emergentes na pesquisa em ensino de ciências**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. p. 51-73.

CORREIA, Paulo Petronílio. O signo como performance e performatividade da linguagem. **ARTEFACTUM-Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia**, v. 11, n. 2, p. 1-12, 2015. Disponível em: <https://www.artefactumjournal.com/index.php/artefactum/article/view/782>. Acesso em: 14 nov. 2024.

CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens**: filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. **Didaticário de criação**: aula cheia. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. Currículo e Didática da Tradução: vontade, criação e crítica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1313-1335, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-623658199>. Acesso em: 14 nov. 2024

CORAZZA, Sandra Mara. Metodossófia: contrato de tradução. In: CORAZZA, Sandra Mara (Org.). **Métodos de transcrição**: pesquisa em educação da diferença. São Leopoldo: Editora Oikos, 2020. p. 13 – 33.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Benedicto Lacerda Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Spinoza: Filosofia Prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: Lógica da Sensação**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**, v. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELIGNY, Fernand. **O Aracniano e outros textos**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

FREIRE, Paulo. **A escola**. [S. l.: s. n.], 1989. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/90112>. Acesso em: 14 nov. 2024.

FUX, Jacques. **Matemática e Literatura**: Jorge Luis Borges, George Perec e o Oulipo. São Paulo: Perspectiva, 2016.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas: Papirus, 2012.

KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 19, p. 15-22, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000100003>.

MUNHOZ, Angélica Vier; PRETTO, Adriana de Oliveira; CRIZEL, Ana Paula; ROOS, Bibiana Munhoz; ROOS, Maria da Glória Munhoz. Aprender no encontro com o mestre. In: MUNHOZ, Angélica Vier; COSTA, Cristiano Bedin da; OHLWEILER, Mariane Inês. (Orgs.). **Currículo, espaço, movimento**: notas de pesquisa. Lajeado: Editora Univates, 2016. p. 7-18.

OLEGÁRIO, Fabiane; CORAZZA, Sandra Mara. Escrileituras do arquivo e a invenção de procedimentos didáticos tradutórios. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 242–258, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984723819412018242>.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-**

Posições, Campinas, v. 23, n. 3, p. 159-178, 2012. DOI:
<https://doi.org/10.1590/S0103-73072012000300010>.

PAIXÃO, Luciana Cunha; GUEDES, Lidiane de Fátima Barbosa.
Experimentação cartográfica: relato de experiência nos caminhos da visita
domiciliar em saúde mental. **Revista Psicologia**, Diversidade e Saúde, v. 5, n.
2, p. 198-205, 2016. DOI: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.v5i2.1054>.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo, desejo e experiência. **Educação &
Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 277-293, 2009. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/9355>. Acesso em: 2 dez.
2024.

PELBART, Peter Pál. **Ensaio do assombro**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

PEREC, Georges. **Pensar/Classificar**. Barcelona: Gedisa, 1986.

PEREC, Georges. **O Sumiço**. São Paulo: Autêntica, 2015.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do
desejo. Porto Alegre: Sulina, 2016.

SANTOS, Carolina Correia dos. Teoria das urgências e o presente da literatura:
uma prática de leitura especulativa a partir de Autobiografia de um polvo, de
Vinciane Despret. **Alea: Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 1-
18, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/2024e63239>.

SILVA, Jorge Leal Eiró da. **Cartografemas**: fragmentos autobiográficos de um
artista-professor. 2009. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -
Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém,
2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/handle/2011/1985>. Acesso em:
15 jan. 2025.

SKLIAR, Carlos. Introdução – A escrita na escrita: Derrida e Educação. In:
SKLIAR, Carlos. (Org.). **Derrida & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica
Editora, 2005. p. 9-34.

SPINOZA, Baruch de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte:
Autêntica, 2017.

TADEU, Tadeu; CORAZZA, Sandra; ZORDAN, Paola. **Linhas de escrita**. Belo
Horizonte: Autêntica, 2004.

TRINDADE, Rafael. Deleuze – Do Caos ao Cais. **Razão Inadequada**, [S. l.],
2017. Disponível em: [https://razaoinadequada.com/2017/12/27/deleuze-do-
caos-ao-cais/](https://razaoinadequada.com/2017/12/27/deleuze-do-caos-ao-cais/). Acesso em: 08 dez. 2024.

VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimarães. Sobre o rigor poético do artista:
uma outra concepção de ciência. **Revista Educação e Cultura
Contemporânea**, [S. l.], v. 15, n. 39, p. 258–281, 2018. DOI:

<http://dx.doi.org/10.5935/2238-1279.20180033>.

Agradecimentos e Financiamentos

Este artigo conta com financiamento e apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e da Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

Editor(a) responsável: Joelson de Sousa Moraes

Recebido em: 19/11/25

Aceito em: 15/08/26

Guilherme Araújo Soares

Doutorando em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam). Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). É integrante do Grupo Vidar em In-Tensões (UEA/CNPQ) e do Grupo de Pesquisa Conexões - Epistemologia, Tecnologia, Formação e Ensino no Contexto Amazônico (Ufam/CNPQ).

 guilherme.soares@ufam.edu.br

 <http://lattes.cnpq.br/2969196957539491>

 <https://orcid.org/0000-0003-3146-8303>

Maria Ione Feitosa Dolzane

Professora Adjunta na Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Doutora e Mestra em Educação. Licenciada em Letras. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Ufam. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Conexões - Epistemologia, Tecnologia, Formação e Ensino no Contexto Amazônico (Ufam/CNPQ).

 ionedolzane@ufam.edu.br

 <http://lattes.cnpq.br/5587361522839707>

 <https://orcid.org/0000-0002-0428-5774>